Castanheira-de-Pêra. 10 de MAIO de 1947

O Castanheirense

Fundador: DR. JOSÉ FERNANDES DE CARVALHO

AVENÇA

Jornal Regionalista — Por Castanheira-de-Pêra e Região

ANO XI | Redacção, Administração e Oficinas: Castanheira-de-Pêra — Telefone 16 | Director e Editor: Adriano José Sebastião Coelho | PROPRIEDADE DAS Of. Gráf. da Ribeira de Pêra, L.da | N.º 351

Oito séculos decorridos

P r F. NORONHA

CELEBR U Portugal, durante a guerra iniciada no mês de Setembro de 1939, as duas datas de maior significado em sua longa carreira histórica: a da fundação da nacionalidade e da sua restauração do jugo castelhano.

Outras localidades precederam, como capital, a cidade que passou a sê-lo a partir do Outono de há, agora, 800 anos atingidos.

Foi deliberado que se comemorasse o oitavo centenário da posse da mais importante das urbes retratadas pelo Tejo, na oportunidade, condignamente.

Os tempos não vão de molde para festas grandiosas e de espaventoso espectáculo. Embora mantivéssemos neutralidade através do conflito monstro, não lhe escapamos inteiramente e, em verdade, os ruidosos folgares brigam com certas necessidades, consequência da fúnebre hecatombe, que assoma cruenta em muitíssimos lares.

Todavia, «Maria vai com as outras», e sendo certo, que a «rainha do Tejo» tem direito a não ser olvidada, recordêmo-la em horas de pretérito distante.

Na Arábia, região asiática, então ligada à extrema do continente africano, que a obra de Lesseps separou, cortando o istmo de Suez, substituido pelo actual canal, que dá passagem do Miditerrâneo para o Mar Vermelho e vice-versa, nessa região, habitada outr'rora por Ismael, biblico filho da escrava egipcia Agar, que Sara, estéril, facultára ao patriarca, seu espôso, ali, tribus dispersas e combatendo-se, haviam sido reduzidas a unidade pelo génio de um homem que as dotou com um livro, o ALCORÃO, simultânemente código religioso e civil.

Este homem, Maomé, considerado pelos árabes seu profeta, lançou-os numa correria de conquista que abrangeu a Pérsia, a Siria, a India, o Egipto, a continuidade nortenha da Africa até o limite ocidental, barrado pelo Atlântico.

Não parou, porém, aqui, a conquista árabe. Prosseguiu, no sentido europeu. Depois de avassalada a gente mauritânica, passam o árabes o estreito de Gibraltar, ao tempo denominado das Colunas de Hércules, põem pé no terreno Sul da península espânica ou ibérica, onde existiam gôdos constituindo monarquia, encontram-se uns com outros, junto do rio Guadalete, no ano 711, ferem porfiada peleja decisiva e, completamente esmagados os senhores do solo cobiçado, os vitoriosos inundam toda a região de que se apoderam, menos das Asturias.

Tal a situação peninsular, seguidamente à famosa batalha.

A reacção natural em quem se vê privado, com violência, de casa própria e autonomia legítima, não tardou a manifestar-se, encetando-se quase desde logo uma verdadeira cruzada de reconquista.

Os triunfos obtidos foram tendo como consequência a fundação de estados neo-gôdos.

Não é a propósito alongar-me em pormenores descabidos aqui.

No ano 1035, contavam-se quatro monarquias cristão: as de Navarra, Castela, Aragão e Lião.

Esta última, faz corpo com a de Castela, em 1037, e em 1085 o seu chefe reinante, Afonso VI, toma Toledo, que converte em capital.

E' a êste que presta auxílio de mão forte o Conde Henrique de Borgonha, que êle galardôa tornando-o seu genro e confiando-lhe a administração ou govêrno do condado de Portugal, de fresco retomado.

Competia a Henrique não esfriar na cruzada e continuar na varredura dos maometanos, que as vicissitudes do tempo enfraqueceram mais ou menos lentamente.

O caminho a trilhar em sua tarefa era o do sul, e a se houve activo e sem pavor.

Teresa, a filha de Afonso, sua mulher, deu-lhe um rebento masculino, orfão do pai em tenra idade.

Entregue o pimpôlho aos cuidados de varão idoneo, mentor capacíssimo e carácter de rara individualidade, afez-se a semelhante atmosfera propícia, não contrária à índole e formação que lhe provinham por hereditariedade paterna.

E, assim, Afonso criou-se, desenvolveu-se e adestrou-se num contacto de sugestão, por forma alguma desmentindo e apoucando a figura moral daquele que lhe dera o sêr. Henrique fora dotado de

(Continua na quinta página)

CRÓNICA DA ALDEIA

O carvoeirinho e "Selecções"

Pai e filho, vieram naquele domingo à vila vender o produto da queima na serra: o carvão negro — tão negro como o trabalho que os vergasta de sol a sol.

O rapaz, espigadote, tem uns olhos muito azuis, muito inquietos. . parecendo duas avesinhas encarceradas. O pai, de jaqueta muito curta, calça colada às pernas arqueadas, dependura no lábio superior, muito carnudo, um bigode acastanhado em feitio de lesma. Encontrei estas figuras. dignas do lápis de um Bordalo, à entrada de certo estabelecimento cá do burgo, quando o pai se exprimia, com dificuldade, ao pequeno *caixeiro*, o azougado Carlitos:

— Sou analfabeto, mas *mê* filho sabe lêr. Quer um livro, assim... de capa vermelha, assim... Fala tu, rapaz!

O rapaz estabelece diálogo com o Carlitos:

— E' assim dêste tamanho (dá a medida com as mãos) tem muitas folhas, uma capa vermelha... uma capa vermelha (e esforçava-se por mais clara explicação).

Mas que livro seria? Investigávamos num olhar curioso perguntando o seu preço:

— Custa... custa... três mil e quinhentos!

Carlitos dá um salto e grita, ufano:

— E' o «Selecções»!

O comprador folheia o volume, arregala muito os olhos, paga, e confirma, contente:

— E' *isto* mesmo! — E pai e filho abalaram.

(Continua na segunda página)

A' Indústria e ao Comércio!

Os mistificadores

O processo não é novo mas há sempre quem caia.

Mandam se imprimir uns versos, bons ou maus — isso é lá com os críticos — arranja-se uma recomendação qualquer e depois é só ir de porta em porta, intitulando-se jornalista.

Forjam-se umas entrevistas que nunca são publicadas, e no final pede-se aos entrevistados, para ficarem com um exemplar do livro que editaram, por vinte, trinta ou cincoenta escudos, livro que não lhe chega a valer cinco.

Outras vezes as recomendações têm um sentido diverso: são para pedido de anuncios para qualquer anuário, ou pseudas páginas regionais

As importancias equivalentes são cobradas adiantadamente. E' claro que êsses anuários nunca aparecem, nem as páginas regionais são publicadas, pois, não passa de um «truc» já velho, mas sempre de resultados certos.

Os anunciantes vêem, mais tarde, que foram burlados, e vá de descarregar a bilis na primeira pessoa honesta que lhes aparece.

De indivíduos que procedem com êsses «trucs» está o paiz repleto, chegando alguns a usarem nomes pomposos, como de «Mary-Mar» e outros.

Quando será que em espec pessoas de certa responsabilidade, negarão a recomendar qualquer lhes apareça, sem se certificar primeiramente, se as suas intenç são, ou não, recomendáveis?

Sim, quando?...

Exige o a sua posição que além

Será ámanhã inaugurado

TELEFONE

em Coentral Grand

No passado dia 7 do corrente n ficaram concluídos todos os trabal da montagem da rêde telefónica p o Coentral Grande, iniciados poucas semanas.

A inauguração da respectiva ca ne está marcada para ámanhã, nando entre os coentralenses gra regosijo.

«O Castanheirense» dedicará gumas páginas do seu próxi número ao Coentral Grande, co reportagem de tão importante mel ramento, que em muito vem benfic aquêle laborioso e povo.

que foi D. Afonso Henriques. o

CAMIÕES Ford

ECONOMIA FORÇA SEGURANÇA

Os camiões FORD duram mais

Há mais camions FORD em serviço do que de qualquer outra marca

Concessionários em COIMBRA:

Auto-Garagem

Albuquerque, Conceição & Moita, L.da

L. DAS AMEIAS, 11-14

Tele (fone 3089 / gramas: Autogaragem

Museu Etnográfico

O infanticídio

O COSTUME de matar as crianças recém-nascidas era vulgaríssimo na antiguidade, pois as leis não condenavam êsses crimes tão hediondos, hoje tão justamente reprovados e tão severamente punidos.

Em Sparta um pai podia matar o filho se nascia com alguma deformidade. Em Roma, o pai tinha sôbre êle direito de vida e de morte. Se o pai o levantava do chão, só então o deixava viver e criar. Em certos povos da Asia existia o mesmo costume. Na India, conta-nos Quinto Cúrcio, existia um povo no qual havia homens encarregados de examinar a construção da criança recém-nascida. Se esta apresentasse deformidade física, mandavam-na matar Na China e noutros paises onde ainda não chegou a luz do Evangelho, subsiste ainda êste costume.

Em Roma e na Grécia só os pais e não as mães tinham o direito, aliás abominável, de matar os filhos. As mulheres que praticassem um infanticídio por ódio ou aversão contra seu marido, eram simplesmente desterradas. As mães que matavam o filho por terem sido violadas por dinheiro, eram condenadas à morte. O pai, embora tivesse o direito sôbre a vida do filho, raras vezes usava dêle, salvo em caso de falta muito grave. Este direito absoluto de um pai sôbre seu filho, fará parecer menos admiráveis as condenações à morte dos filhos por seus pais e as exposições tão frequentes de que fala a história antiga.

Penamacor, Abril de 1947.

JOSÉ MANUEL LANDEIRO

Da Louzã

FESTEIOS

Continuam os festejos em honra de N. S.ª da Piedade, padroeira da Louzã.

Na manhã de ontem, domingo, a Filarmónica dos Operários da Fábrica do Papel do Penedo percorreu as povoações que ficam ao poente desta vila, Fontaínhas, Papanata Moita e Reguendo. A' noite, na Praça Cândido dos Reis foi exibido um vistoso fogo de artifício à moda do Minho.

CRIANÇA ABANDONADA

Nas proximidades de Pampilhosa da Serra foi encontrada abandonada uma criança do sexo masculino que devia contar 15 dias de nascença.

Após investigações foi descoberta a desnaturada mãe que se chama, Margarida de Jesus Vicente, solteira, de 24 anos, do lugar do Mosqueiro, freguesia do Colmeal, concelho de Gois, que últimamente era serviçal do sr. José Rodrigues, de Cepas, Arganil.

Foi capturada na Covilhã, para onde fugira.

COMPARTICIPAÇÃO

Até que finalmente foi comparticipada com 121.000$00 esc., segundo somos informado, a antiga estrada que passa no Casal do Espírito Santo, devendo as obras ser executadas no prazo de 14 meses.

Louzã, 5 de Maio.

Barata de Mendonça

Crónica da Aldeia

O carvoeirinho e «Selecções»

(Continuado da 1ª página)

Aquela cêna enternecedora espicaçou-nos a curiosidade e fomos seguindo o rumo dos dois carvoeiros. A certa altura, ao cortarmos o Souto do Vale metemo-nos à fala com o rapaz que pacificamente folheava a publicação Foi-nos dizendo a modos de desconfiado e

— Faz hoje uma semana que levecarvão a casa de uns *fidalgos*. Enquanto esperei pelo saco e dinheiro, dois meninos, a um canto do páteo, liam em voz alta a história da vida dos elefantes. Gostei muito e perguntei-lhes quanto custava um livro assim... Mas êste não é igual. Não tem a capa vermelha!

E num suspiro fundo, remata:

— E porque me demorei, ainda hoje me dôem os orelhas.

Explicamos-lhe a causa da diferença de côr da capa da brochura. Compreendeu-nos com facilidade e começou de metralhar-nos com perguntas ao passo que virava as páginas da «Selecções»: Quem era Stuart Chase; se era bonito «Ninguém é dono de um gato»; o que vinha a ser energia atômica, e neste rosário continuar a se o pai não o adverte que já tinhamos passado o Vale das Perdizes.

E num «até mais vêr» sumiram-se por congosta escalavrada.

. . . . . .

A certas horas da noite, julgamos admirar numa das frequentes queimas da serra, o carvoeirito lendo à luz das línguas de fogo, rodeado por muitos, magnetizados pela revolução de um mundo novo...

SERRANO

«Os Ridículos»

Entrou no 42.º ano de publicação êste espirituoso bi-semanário de comentários humorísticos aos principais acontecimentos nacionais e estrangeiros, que descreve a «vida negra de todos os dias com óculos côr de rosa».

Na pessoa do seu digno director, nosso camarada, Rebello da Silva, cumprimentamos quantos trabalham no simpático periódico

ar, muitas vezes numa situação de vor, perante o comércio e a indús-a local, ficam ainda mal colocas por recomendarem pessoas menos nestas; e exige-o a classe dos pro-sionais da Imprensa que, por es, é caluniada por os burlados o saberem distinguir os verdadeis profissionais dos burlões.

Recentemente tive ocasião de entrar, no concelho de Seia, uma hora que, intitulando-se poetisa *e nalista — quando é certo que o não — mendigava a venda de um* seu *ro, usando o «truc» das entrestas para um jornal da região de tubal, e para o que embora de a fé, lhe passaram uma credencial.*

A'lerta senhores comerciantes e dustriais, não vos deixeis assim rlar!...

JOSÉ DE MATOS

COMPANHIA DE SEGUROS

Tranquilidade

Recebemos o relatório e contas do ano findo, daquela conceituada Companhia de Seguros, que mostra desafogada a sua existencia.

Agradecemos o envio do referido relatório desejando aquela Companhia muitas prosperidades.

Ponto «a jour» e malhas de meias

Apanham-se malhas de meias e cose-se «a jour» Pensão Comercial. — Telefone, 9.Figueiró-dos-Vinhos

PUBLICAÇÕES

«Natura»

Esta importantíssima revista mensal de saúde, educação física e cultura social, órgão oficial do Movimento Naturista Português, entrou no V ano da sua publicação.

Do editorial da edição referente a Abril-Maio, recortamos com a devida vénia:

«Alheia a todas as doutrinas ou sistemas políticos, o Naturismo tem apenas por «política» a *Saúde do Povo pelo Naturismo*, forma única que conduzirá a Humanidade ao seu completo aperfeiçoamento e progresso social.»

Todo o recheio desta prestante publicação é substancioso de ensinamentos que revigoram o corpo e educam a alma.

«Natura», que acaba de adquirir oficinas próprias para a sua composição, tem a redacção à R. Herois de Quionga, 2-3. Lisboa

Ao corpo redactorial da distinta revista endereçamos as nossas felicitações, com votos por crescentes prosperidades.

Queijo de Castelo Branco

Da FINISSIMA QUALIDADE, chegou ao CAFÉ CENTRAL, de José Coelho Júnior — Castanheira-de-Pêra.

José Bebiano C. H. Silva

ADVOGADO

Castanheira-de-Pêra

A's segundas-feiras em FIGUEIRÓ-DOS-VINHOS

Página da Criança

DIRECÇÃO DO PROFESSOR
MANUEL ANAYA

NÚMERO 2

VAIDADE CASTIGADA

O Alfredo Semedo era um destes meninos todos finos, que não brincava com quem adregava de encontrar na rua.

Só escolhia gente da fidalguia para as suas brincadeiras. Trazia sempre as algibeiras cheias de bolos, que repartia com os outros tolos tal como ele. E, ai daquele menino pobre que ousasse tocar em corpo tão nobre! Logo o Semedo arranjava um enredo que o pobrezito fugia aflito na frente dum regimento que num momento aparecia a defender o Alfredo vaidoso, que, muito pomposo, era o comandante da tropa tratante.

Porém, num dia em que chovia, o fanfarrão saíu de casa, de rosto em brasa, porque envergava um fato novo. Cheio como um ovo, até mal cabia dentro do fato. Vinha comendo uma laranja, e como era menino com falta de educação deitou as cascas para o chão. Deu tantas voltas, reviravoltas que pisou uma casca e escorregou Quando se levantou viu um grande buraco no seu casaco. Chorou imenso. Limpou-se ao lenço, e o lenço ficou todo enrodilhado, e o resto do fato estava molhado

E nesse dia em que chovia andavam naquela rua a brincar alguns meninos todos franzinos com quem o Alfredo Semedo, sempre vaidoso, nunca brincava, e desprezava Mas esses meninos, que não eram finos, tinham bom coração e quando viram o Alfredo Semedo a chorar, cheio de medo, aproximaram-se dele, porque os outros meninos finos como o Alfredo logo que o viram todo rasgado e molhado riram, gritaram, fugiram, pularam todos contentes. E os desprezados pelo Alfredo, de riso ledo, cheios de ternura, foram levá-lo a sua casa.

Contaram à mãe do menino Alfredo como aquilo tinha acontecido. E ele ficou muito agradecido, porque a mãe não lhe bateu pelo que aconteceu, pois ficou encantada, maravilhada com a atitude, a solicitude daqueles meninos pobres, franzinos que lhe pediram para não bater no Alfredo Semedo, já esquecidos da pouca amizade com que ele tratava na intimidade.

Conclusão:

Não há maior lição para quem pratica o mal do que receber em troca uma boa acção.

M. A.

A vaidade é uma rainha que tem como dama de companhia a hipócrisia. Os seus vassalos são todos os homens de consciência mal formada. — ANAYA

CONTO

O AMIGO

Os meninos talvez já tenham ouvido dizer a vossos pais ou professores que as boas qualidades das pessoas se podem apreciar ao vê-las tratar os animais domésticos. Não é, pois, desacertada a apreciação feita por tal acto.

Quando determinada pessoa, embora para nós desconhecida, afaga um cão, um gato ou outro qualquer animal podemos dizer, sem receio, que essa pessoa é bondosa. Se, pelo contrário, ela repele os animais, é má, nada possui que a recomende para o convívio dos bons.

E os animais domésticos são nossos amigos, especialmente o cão, que se afeiçoa de tal maneira ao dono que tudo lhe sofre com a maior resignação.

Hoje vou contar-lhes, meus amiguinhos, o que se passa entre o menino Vítor Hugo e o Amigo — Amigo é o nome de um cãozinho que os pais do Vítor Hugo têm em casa. Veio para casa do menino quaudo ele ainda só tinha quátro anos. Nessa altura tinha o amigo apenas dois meses.

O Vítor Hugo tinha muito medo do Amigo. Chorava, sempre que o cãozito se aproximava dele. Foi um caso sério para que os pais do menino fizessem com que ele não tivesse medo do Amigo. Fugia quando tentavam fazê-lo pegar no cãozito. E o amigo atirava-se a ele a brincar. Até parecia que fazia de propósito para o fazer arreliar.

Mas o Vítor Hugo foi crescendo. E com o decorrer do tempo foi deixando de ter medo do Amigo. O cãozito como que compreendia isso. Já não corria desordenadamente atrás dele. Mas acompanhava-o para todo o lado. E o Vítor Hugo fazia-lhe muitas festas. Já não podia brincar sem o Amigo. E o Amigo não estava bem sem o menino Tornaram-se inseparáveis.

Querem ver o que fez o Amigo duma vez em que o menino esteve de cama alguns dias com umas grandes febres? Durante todo o dia o Amigo permanecia junto da cama do Vítor Hugo, deitado no tapete. De quando em quando empinava se à cama, como que para observar o estado de seu amiguinho inseparável e a desejar que ele fosse brincar para o quintal.

O menino fazia lhe festas, e o Amigo deitava se outra vez, mais contente.

A' noite, quando o faziam saír do quarto do seu amigo, ia, muito triste, deitar-se para a cozinha.

O Vítor Hugo hoje tem sete anos. O Amigo tem três. São tão amigos, tão amigos que não se podem separar. O menino vai para a escola, e o Amigo fica à porta a esperá-lo. Ninguem pode tocar no Vítor Hugo, que o Amigo atira-se logo a defendê-lo.

A história que lhes estou contando parece que não tem interesse, mas tem. Embora hajam muitos muitos meninos que possuam cães seus amigos, esta história, que é verdadeira, vem a propósito para lhes dizer o seguinte: esses cães só são verdadeiros amigos dos meninos, ao ponto de fazerem o que faz o amigo do Vítor Hugo, quando todos os meninos forem bons como o Vítor Hugo é, sim, o Vítor Hugo é muito bom menino, poque o conheço. E' bom para os pais, bom para toda a gente, é bom aluno, pois já sabe ler e escrever, e ainda não tem oito anos.

E não precisava de conhecer o Vítor Hugo. Bastava saber como ele é amigo dos animais para saber logo que é um bom menino, que tem bom coração.

Procedam, pois, meus amiguinhos, como o Vítor Hugo, e tornar-se ão muito bons, muito bons, porque os animais só são verdadeiramente amigos das pessoas verdadeiramente boas.

MANUEL ANAYA

Preceitos Cristãos

Criança, quando por ti
Passar um pobre aleijado,
Não rias, porque ele sofre
Por se saber apupado.

Se ele precisar de ti,
Ampara-o com teu valor;
Vê-lo-ás sorrir e dar-te
Provas de profundo amor.

Se vires um pobre velho
Curvado, estendendo a mão,
Não o desprezes e dá-lhe
Um pedaço do teu pão.

Já foi como tu, criança,
Já alguém viveu de si;
Mas hoje, volvidos anos,
Veio a precisar de ti

Quando na rua um ceguinho
Tu vires caminhar só,
Toma-lhe o braço, acompanha-o,
Não o deixes, causa dó

Pensa, criança bondosa,
Naquela imensa desgraça
Do pobre cego que vês,
E que nunca vê quem passa!...

M. ANAYA

BOM HUMOR

O Chico pergunta à mãe:

— O' mãezinha, porque é que o pai tem aqui um retrato só com a cabeça o peito e parte dos braços e não estão aqui as pernas?

— Porque é um retrato de meio corpo.

— Hh! Eu julgava que para tirar o retrato assim as pessoas se punham de cócoras e com as mãos nas algibeiras, porque o retrato que eu tirei foi sentado e tem lá as pernas e as mãos à vista! ..

DIRIGIR correspondência e originais, que digam respeito a esta página, a Manuel Anaya — Alvalade (SADO).

Eduardo Pereira Pinto & Filhos

Telefones P B X { Fábrica: 1 668 / Escritório: 1 313

Endereço Telegráfico: DORATO

FÁBRICA DE ACESSÓRIOS PARA FIAÇÃO E TECELAGEM

A maior organização do género no País

Escritórios e Armazéns: Rua de Sá da Bandeira, 614 — PORTO

Liços metálicos, em aço. Grampos de aço temperado. Caixilhos (Perchadas) Malhões e Tirantes. Molas espirais. PENTES. Latas de Fibra Vulcanizada para Fiação. Cartões de Aço para Teares Romanos. Bobines em Madeira. Canelas Lançadeiras de todos os tipos. Pinos de Madeira Tempereiros Pinças. Tezouras de Tecelão. Ganchos para coser Correias, etc.

Esta Casa tem sempre, para entrega imediata, todos os artigos de seu fabrico a PREÇOS CONVIDATIVOS.

AGENTE em CASTANHEIRA-DE-PERA: **José Coelho Júnior** — Telefone 16. Tem em Depósito os **Nossos Artigos**

CASA DOS LINHOS

TEIXEIRA DE ABREU & C.ª, L.da
32, 33, 34—Largo 28 de Maio
35, 36, 37—GUIMARÃIS

Fabrico especial de panos de linho, atoalhados, panos de algodão colchas e bordados regionais

PREMIADO NA EXPOSIÇÃO DE PARIS

SEGUROS

Nas melhores Companhias Nacionais e Estrangeiras

José Coelho Júnior — C.ª-de-Pêra

Manuel Brinca

MÉDICO ESPECIALISTA
DOENÇAS DOS OLHOS
Rua Ferreira Borges, 162, 2.º
(À PORTAGEM)
Telefones. Consultório 3039 / Residência 3509
COIMBRA

Dr. Albano Coelho

INTERNO DOS HOSPITAIS
Ouvidos, Nariz e Garganta
Operações
Calçada do Carmo, 6, 1., D. (Rossio)
Telefone 22070
LISBOA
Consultas às 17 horas

Vai a Lisboa?

Hospede-se na PENSÃO CASTANHEIRENSE, junto à Igreja de S. Domingos, a mais central de Lisboa

Luxuosamente ampliada, com esplêndidos quartos. Optimo serviço de mesa e a preços acessíveis. Máxima seriedade

Rua dos Correeiros, 264, 2.º dt.º e Esq. — Telef. 28454 em todos os andares

José Gomes

Médico I. dos Hospitais

Doenças da boca e dentes

Consultório: L. do Chiado, 15-1.º
Telefone 2 3923 — LISBOA

DR. HENRIQUE LACERDA

ADVOGADO

FIGUEIRÓ-DOS-VINHOS
TELEFONE 2

Em Pedrógão Grande:
A'S SEGUNDAS-FEIRAS

Quirino Sampaio

MÉDICO
Doenças da bôca e dentes
Louzã
Em Castanheira-de-Pêra
A's quintas-feiras, das 10 às 14 horas
No Hospital de S. José

TRAPOS

Para a Indústria de Lanifícios

L. FARGE, LIMITADA

Rua do Freixo, 1291 — PORTO

Telefones: Urbano 4494 e Estado 197 Endereço telegráfico: EGRAF—Porto

Casa especializada, estabelecida há 40 anos em Portugal e há mais de 100 anos em Espanha

Logo que o restabelecimento da normalidade o permita, voltaremos a apresentar à nossa clientela os escolhidos algodões indianos que fornecíamos antes da guerra e tão apreciados foram sempre pela indústria de lanifícios nossa cliente

AGENTES { **José Coelho Júnior** — Castanheira-de-Pêra / **António Pereira Pais Espiga** — Covilhã

ALBERTO Lopes

Rua Duque da Terceira, 123—Telefone 4401

PORTO

Maquinismos e seus pertences para as indústrias textis. Especialidade em correinhas e botas para aparato de cardas; correias de couro, atilhos e ganchos para coser correias; cordas de algodão, cordão para fusos e todos os acessórios em couro para teares. Pano riço verde. Cartão para prensa e teares. Cardo vegetal, etc. etc.

Carreira Diária de Passageiros

BOLO—LISBOA

Castanheira de Pêra, Figueiró do sVinhos, Pontão, Cabaços, Tomar, Entroncamento, Tôrres Novas, Santarém e Lisboa
Concessionários:

Manuel Simões Barreiros & Irmão, L.da

Sede—FIGUEIRÓ DOS VINHOS—Telefone 5

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
BOLO	—	6,00	LISBOA	—	9,00
Castanheira de Pêra	6,10	6,15	Sacavem	9,25	9,25
Figueiró dos Vinhos	6,55	7,05	Vila Franca de Xira	10,05	10.10
Pontão	7,40	7,45	Carregado	10,25	10,25
Cabaços	8,10	8,15	Azambuja	10,45	10,45
Tomar	9,05	9,20	Cartaxo	11,10	11,15
Entroncamento	10,00	10,05	Santarém	11,45	12,05
Torres Novas	10,20	10,25	Pernes	12,45	12,45
Pernes	11,00	11,00	Torres Novas	13,20	13.25
Santarém	11,40	12,00	Entroncamento	13,40	13,40
Cartaxo	12,30	12,35	Tomar	14,20	14,30
Azambuja	13,00	13,00	Cabaços	15,20	15,25
Carregado	13,20	13,20	Pontão	15,50	15,55
Vila Franca de Xira	13,35	13,40	Figueiró dos Vinhos	16,30	16,40
Sacavem	14,20	14,20	Castanheira de Pêra	17,20	17,25
LISBOA	14,45	—	BOLO	17,35	—

Carreira entre Bolo e Coentral

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
Coentral	—	5,40	Coentral	—	17,50
Bolo	5,55	—	Bolo	18,50	—

Efectuam-se às sextas-feiras || Efectuam-se às quintas-feiras

Garage em Lisboa R. da Palma, 268 Tel. 2 8114

Oito séculos decorridos

Continuado da 1.ª página

qualidades de esfôrço inquebrantável e o ornaram outrossim tendencias políticas de excepcional aprêço.

«Recolhendo o governo das mãos de D. Henrique, moribundo, leio na pag. 58, penultimo periodo, série V — tomo I, n.º 1 da antiga revista «Nacional Portuguesa», D. Teresa, sua noiva, deu em breve provas de tal virilidade de animo que não desdizem das do seu admiravel marido.»

Entretanto, a «virilidade» apontada não exprimia emancipação viril absoluta de impulsividade sexual amorosa.

E Teresa, mulher de verdade, não mutilada, nem fria por sombra de velhice, foi borboleta seduzida pela pessoa de Fernando Peres de Trava, conde galego que entre nós residiu e que junto dela partilhou de resolução em actos públicos. Era natural que os portugueses não assistissem com agrado a cenário em que tinha voz dirigente um estrangeiro, em volta do qual e a seu acêno se reuniam individualidades, de família e de idioma, preferidos em investidura de lugares que os daquém rio Minho entendiam deverem preencher exclusivamente.

Houve fundamento a desafiar descontentes, que não faltaram; e êstes, minando e crescendo, lograram concêrto e organização a que o moço Afonso pertenceu e de que foi elemento primacial.

Por fim, num dia de Junho de 1128, em S. Mamede (Guimarães), os partidários de Teresa e os adeptos do Trava liquidaram a situação, pela fôrça contra os adversários, debaixo do comando de Afonso.

Sorriu a vitória, completa e definitiva, ao moço lutador, intemente; e todo o poderio caíu das mãos de sua mãe, de que êle a privou, e Peres de Trava com os companheiros desapareceram do meio físico e do ambiente político.

De ora em diante, permaneceu o triunfador à frente do condado, luzindo-lhe duas ideias vitais: autonomia inteira e inteira expulsão da mourama, sequência do árabe.

Podemos hoje afirmar com perentória segurança de acêrto, que o desfecho da batalha de S. Mamede foi agoiro de maravilha para o edifício de nacionalidade independente, que ela preludiou com glória, sem embargo dos laços consanguíneos entre Terêsa, decaída e o vencedor, filho seu.

São casos em que a fôrça iniludível de circunstâncias prementes não oferece outro caminho, e não há modo de iludi-los, nem de afastá-los.

Afonso Henriques tomou as rédeas do mando, a que aliás nenhum sofisma poderia pôr-lhe em dúvida o legítimo direito, a muito breve trecho.

Agora, dependia unicamente do seu braço e da sua capacidade o dia de amanhã, quanto à consolidação, mediante factos consumados, das duas formosas ideias culminantes.

Pela parte política não foi falecido de entendimentos e negociações conducentes à realidade apetecida incluindo Roma papal em reconhecimento, que a época medieva impunha, indispensávelmente.

Pelo que diz respeito ao papel da espada, na emprêsa de reconquista, também não foi falecido de memória ancestral, lançando-se na peugada e cometimento de seu ilustre pai.

De Guimarães foi se transferindo até Coimbra, que teve honras de seu pouso e de capital; dali não descurou o empenho de combate ao intruso numa pertinácia ardorosa, dali partiu para o discutido teatro da batalha de Ourique (1139), tanto fantasiada, e dali se dirigiu à acometida de Santarém (1147), que forneceu azo a aquisições positivas de alargamento territorial.

A Estremadura encorporava-se ou englobava-se nos domínios do realizador mais integrado nos sonhos e miragens de Henrique de Borgonha.

O ano de 1147 marcou, em seu oriente, linhas e horas de provas indeléveis, documentando altamente o pensamento que o guiava, a razão de mira em sua estratégia e a energia de pulso que exteriorizava.

As margens do Tejo tinham registado a sua presença e testemunhado a sua indómita bravura. Ia o rio desaguar no mar, formando porto de amplitude grandiosa em local de molde a aguçar desejos e a enraizar possessão de continuidade soberana.

O local já fôra tomado aos sectários do Alcorão e por estes retomado.

Exigia-o, por imperativo de necessidade absoluta, no plano lógico de reconquista ao muçulmano detentor, a visão de Afonso e o seu raciocínio de chefe não tolhido.

Que local era êste? Qual o seu nome? «A alta Lisboa» conforme a define Pereira de Castro no poema que lhe dedicou; e na *vox populi* (voz do povo) teve designação vogando em rima:

«Quem não viu Lisboa,
Não viu coisa boa.»

A posição geográfica, e não outro título, chamaria a atenção para o burgo acanhanhado.

Julgo curioso êste parágrafo (pág. 12) da separata «A população de Lisboa», da autoria do paciente investigador e erudito engenheiro A. Vieira da Silva: «O documento mais antigo em que se faz referência à população de Lisboa é a carta do cruzado Osberno, que tomou parte, em 1147, na conquista da cidade: «A' nossa chegada compunha-se a cidade de 60.000 familiares (ou servos da gleba?) que pagavam contribuição, contando com os arredores, excepto os livres, que não estavam sujeitos a imposto algum.» E mais adiante. (A cidade) «é mais populosa do que se imagina, pois como soubemos, depois de tomada, do alcaide ou chefe deles, teve 194.000 homens, com excepção das mulheres e crianças, entrando nesta conta os cidadãos do castelo de Scalabis (Santarém), os quais, expulsos neste ano do seu castelo estavam ali, (em Lisboa) como hóspedes». Estas apreciações são bastante exageradas, pois tinham por fim realçar o valor do facto que o guerreiro Osberno narrava. Alexandre Herculano, não sabemos com que fundamento, calcula em 15.000 pessoas a população da «vila» de Lisboa no fins do século XII, o que tem sido seguido por outros escritores.»

Depois de Santarém, o restante Ribatejo entra nas malhas de aço das rêdes de Afonso, que inaugura assédio a Lisboa, levado a efeito com vigoroso impulso e refôrço de milícia da cruz, procedente do norte europeu com destino à Palestina.

Abordando a Portugal, por motivos de previdência navegadora e rogado o seu auxílio, não o recusa

ARZETOX

COM 18,5 % DE ARSÉNICO A ESC. 4$50 O QUILO

ADEROL

MOLHANTE A ESCUDOS 10$00 O LITRO

SOLUVOL MÉDIO

COM 80 % DE ÓLEO MINERAL A ESC. 7$00 O LITRO

Grémios da Lavoura

CONDIÇÕES ESPECIAIS

Os nossos serviços técnicos prestarão gratuitamente todos os esclarecimentos. Enviaremos folhetos de outros produtos insecticidas. Pedidos a:

Abecassis (Irmãos) & C.ª

LISBOA — Praça do Município, 32

PORTO — Rua de S.to António, 15

CHEVROLET

Chassis para carga e passageiros

NOVOS MODELOS
E NOVOS PREÇOS

Chassis para carga útil de 4.250 e 4.500 quilos

Em exposição, para entrega imediata, no Stand dos AGENTES OFICIAIS:

AUTO INDUSTRIAL, LIMITADA

AVENIDA NAVARRO E
AVENIDA FERNÃO DE MAGALHÃES

COIMBRA

NÚMERO AVULSO 70 CENTAVOS

O Castanheirense

Visado pela Comissão de Censura de Coimbra

ASSINATURAS:	PUBLICA-SE NOS DIAS	ASSINATURAS
Quadrimestre 8$40	1, 10 e 20	*Estrangeiro: ano 44$70*
Cobrança pelo correio mais 1$00	DE CADA MÊS	*Império Português: ano 37$20*

De Figueiró-dos-Vinhos

CASAMENTO

No dia 23 de Abril, na igreja de S. Sebastião da Pedreira em Lisboa, realizou-se o casamento da senhora D. Margarida Borges de Albuquerque Calheiros, filha do sr. José Mendes Veiga de Albuquerque Calheiros e de D. Ana Borges Carvalho, já falecidos, com o sr. dr. Luiz Henriques Quaresma Ferreira, advogado na nossa comarca, filho do sr. António Ferreira, conceituado comerciante na nossa praça e da senhora D. Maria Quaresma Ferreira. Foi celebrante o rev. sr. Alfredo dos Santos Marques, que após o acto dirigiu aos nubentes uma prática comovente.

Foram padrinhos, por parte da noiva, seus tios srs. Alexandre Quental Calheiros e D. Judite de Quental Calheiros, da Covilhã, e por parte do noivo, seu pai e D. Irene de Paiva Godinho Ferreira, sua tia, desta vila, espôsa do sr. Manuel Ferreira, comerciante

Os noivos seguiram para o Norte em viagem de núpcias e já se encontram nesta vila, onde fixaram a sua residência.

Parabéns muito sinceras aos noivos e um futuro risonho.

FALECIMENTOS

Rodeado do maior carinho de sua espôsa e filhos, faleceu nesta vila no dia 30 de Abril, o sr, Albino Nunes, de 82 anos, informador fiscal, aposentado, casado com a senhora D. Guilhermina Quaresma Nunes, pai dos srs. Manuel Quaresma Nunes e Artur Nunes, comerciante em Lisboa, e de D. Irolinda Nunes Curado, espôsa do sr. Alfredo Dias Curado, desta vila.

No dia 26 do mesmo mês, faleceu na sua residência em Ribeira de S. Pedro, com o máximo desvêlo dos seus, o sr António Mário Barata, de 69 anos, distribuidor-postal, aposentado, casado com senhora Maria do Carmo e pai dos srs. João Maria Barata, Sebastião Maria Barata, Elisa do Carmo Barata Castela, residentes na cidade da Beira, Manuel Maria Barata, do Douro, Gracinda do Carmo Barata Simões, da Serrada, e Irolinda do Carmo Barata Abreu, do referido lugar de Ribeira de S. Pedro

A's famílias, apresenta «O Castanheirense» sentidas condolências.

MEZ DE MARIA

Teve início, em 1 do corrente, a devoção do Mez de Maria que vem sendo concorrida.

Embora dispendiosa, é uma festividade lindíssima. Cremos que os fiéis saberão compreender os sacrifícios e o trabalho necessários para o bom êxito das festas de Maria, que findam com uma procissão grandiosa no último domingo de Maio e, possivelmente, a imponente procissão das velas no último dia do mesmo mês.

VIDA ASSOCIATIVA

Recebemos, o que muito agradecemos, o «Jornal da Casa da Comarca de Figueiró-dos-Vinhos», número único, editado exclusivamente para comemoração do X aniversário da referida instituição.

Pela apresentação e ótima impressão do mesmo jornal, podemos sem dúvida classificá-lo de bom. Felicitamos a Casa da Comarca de Figueiró dos Vinhos em cuja instituição é sabido, se exerce o maior esfôrço em benefício dos concelhos de Figueiró dos Vinhos, Castanheira de Pêra, Pedrógão Grande, e manifestamos à Direcção e Comissão dos festejos a maior gratidão, por o nosso nome figurar no número dos Amigos que sem dúvida somos da Casa da Comarca de Figueiró dos Vinhos.

E pelo seu X aniversário, as nossas felicitações.

DR. TOMAZ S. DA GAMA

Em Nijon (Suiça) onde se encontrava desde Março último, faleceu o sr. dr. Tomaz Sanches da Gama, figura de destaque no meio comercial e industrial, sócio e fundador da T. S. da Gama & C.ª, L.da, Emprêsa anglo-portuguesa de Madeiras, Limitada, e das Sociedades de Greosotagem, Limitada, na Figueira da Foz, e Creosotagem de Famalicão, Limitada.

Era uma figura conhecida e apreciada nos meios comerciais e industriais de Inglaterra e da União Sul-Africana onde algumas vezes lhe foram prestadas homenagens. Formado pela Universidade de Coimbra, pouco depois a sua figura ocupou lugar de relêvo na vida comercial e industrial

Era casado com D. Maria Amélia Sanches da Gama e deixa dois filhos, irmão do meretíssimo Juiz de Direito na nossa comarca, sr. dr. Rui Sanches da Gama, tenente-coronel Eugénio Sanches da Gama, José Sanches da Gama e D. Maria Eugénia Sanches da Gama.

A desejo da família o corpo foi trasladado para Portugal, para jazigo da família em Vila Nova de Poiares.

A' família enlutada, endereçamos o cartão de sentidos pêsames.

Davis

---

prestando-o a Afonso tanto a propósito que a resistência do mouro, sem delonga, cedeu ao ataque, mais aceso, capitulando.

As portas da rendida abriram-se engalanadas, aos 2[illegible]-X.º do dito ano, [illegible] recepção triunfal de O CONTADOR.

F. Nogueira

VIDA POR VIDA

BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS

Noticiamos num dos nossos números do mês de Janeiro findo que o Conselho Nacional de Serviço de Incêndios propôs que fossem concedidos subsídios a corporações de Bombeiros, o que obteve a sanção dos senhores Ministro do Interior e subsecretário de Estado de Finanças, cabendo a Castanheira-de-Pêra 50.000$00.

Esta importância, já em posse das entidades competentes, começa a fazer frutificar uma justa aspiração local que tem todos os direitos a conduzir ao triunfo.

Trabalha-se, com afinco, na elaboração dos Estatutos que hão-de reger a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Castanheira-de-Pêra. Depois de aprovada aquela lei orgânica, proceder-se-á à eleição dos respectivos Corpos Gerentes Estes, dentro da responsabilidade dos seus cargos, darão vulto e imprimirão realidade à Corporação a constituir.

De há muito que nestas colunas secundamos, com intenções humanas e bairristas, esta campanha que, por vezes, tem tropeçado nas saliencias da dificuldade. Presentemente, como se depreende da notícia atrás, começam a ser coroados de justiça e êxito os nossos esforços, que só têm em objectivo alcançar o bem e o progresso da terra de que somos desinteressado porta-voz.

Para se garantir vida e florescência à Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Castanheira-de-Pêra, é necessário fazer convergir para o seu âmago todo o carinho e auxílio, quer dos seus dirigentes, do seu Corpo Activo e de seus associados.

Como aos castanheirenses nunca faltou vontade e brio para amparar o que é nobre e humano, de esperar é que esta simpática Causa — Bombeiros Voluntários — tenha à sua volta o mais unânime aplauso.

Abílio de Matos Raimundo

A seu pedido, e por conveniência de aproximação de sua Exma. Família, partiu há dias para Belmonte, o nosso presado amigo Sr. Abílio de Matos Raimundo, qne durante um ano e tal exerceu com elevado aprumo e competência o cargo de Tesoureiro da Fazenda Pública deste concelho.

Portador de elevadas qualidades de caracter e educação, este nosso ilustre amigo soube sempre grangear a simpatia e consideração em todos os campos sociais.

Chocou-nos bastante o momento da despedida, deixando em todos os castanheirenses que com ele conviviam a mais profunda comoção da sua saída.

Em nome daquele nosso estimado amigo apresenta «O Castanheirense» os seus cumprimentos de despedida a todos os castanheirenses das suas relações aos quais não lhe foi possível fazê-lo pessoalmente do que pede desculpa, oferecendo ao mesmo tempo os seus modestos préstimos naquela localidade onde se encontra presentemente.

Terminamos esta modesta mas sincera local, fazendo os mais ardentes votos pelas maiores prosperidades na sua brilhante carreira de inteligente funcionário do Estado, bem assim desejamos ao Sr. Abílio de Mamos Raimundo as maiores felicidades e venturas junto de sua Exma. Família.

«O Comércio de Leixões»

Entrou no 40.º ano de publicação o distinto semanário «O Comércio de Leixões», que peleja pelos interêsses da sua terra — Matosinhos.

Nossos respeitosos cumprimentos.

Da Gestosa

Esteve aqui, de visita a sua família, o nosso amigo sr Américo Antunes Coutinho.

— No dia 4 do corrente mês consorciou-se na igreja Matriz dessa Vila, o sr. João Joaquim, filho do sr. Luiz Jonquim e da sr.ª Dionisa Rosa, com a menina Lucinda Antunes Alves, filha do sr. Cipriano Alves Filipe e da sr.ª Maria Emília Antunes.

— Também se consorciou, pelo Civil, o sr. Raúl Elias, empregado industrial na praça de Lisboa, filho do sr. Heliodoro Elias, falecido, e da sr.ª Maria da Conceição Rosa, com a menina Maria Rosa Henriques, filha do sr. António José e da sr.ª Joaquina Henriques.

Serviram de padrinhos os srs Carlos Pais Mamede, empregado forense em Lisboa, e sua espôsa sr.ª D. Fernanda A. Pais Mamede, e o sr. José Henriques, comerciante na Gestosa, e sua irmã sr.ª Maria Rosa Henriques.

Brinde de três relógios

Alfredo Baptista Pereira, responsável pelo brinde de três relógios previne os interessados de que devem dar a sua atenção à Lotaria do dia 6 do próximo mês de Junho. Caso esta não se realize, devem esperar pela Lotaria de Santo António.

COBRANÇA

Dados os grandes encargos que temos, vimos, respeitosamente, apelar para todos os nossos assinantes, muito especialmente aos RESIDENTES no ESTRANGEIRO e nas NOSSAS COLÓNIAS, o favor de liquidarem as suas assinaturas em atrazo, o que antecipadamente agradecemos.

CAMARÃO

SEMPRE FRESCO, vende-se no CAFÉ CENTRAL. Cast.ª-de-Pêra

ECOS DA SOCIEDADE

Partidas e chegadas:

Deslocou se há dias a Coimbra o nosso presado amigo Sr. Angelino H. Coutinho, sócio gerente da firma local, Tomaz & Carvalheira, Lda.

—Encontra-se entre nós o nosso dedicado assinante Sr. Waldemar Salvador Rosinha.

—A Coimbra deslocou-se, acompanhado de sua Exma. Esposa, o nosso considerado amigo Sr. José Francisco Diniz, sócio-gerente da firma José Tomaz Henriques, Sucrs., Lda., com sede na Varzea.

—De Vizeu regressou acompanhado de sua Exma. Família o nosso particular amigo Sr. José Tomaz Henriques, que ali foi de visita a seu Exmo. mano Sr. Ilídio Tomáz Henriques, industrial naquela cidade.

—A Lisboa deslocou-se o Sr. Agostinho dos Santos, que regressou acompanhado de sua esposa e filhinha.

—A Figueiró dos Vinhos deslocou se há dias acompanhado de sua esposa o nosso assinante Sr. Geremias R. Raposa.

—De viagem de núpcias regressou há dias a esta vila o nosso considerado amigo Sr. Manuel Antão Correia, o qual aqui fixou residência.

Visitas à nossa Redacção:

— Cumprimentou-nos o nosso bom amigo e assinante sr, Francisco Simões Claro

— Apresentou-nos as suas despedidas o nosso assinante sr, M, Barreto Diniz, que em Castelo Branco vai servir a vida militar

— Esteve nesta redacção o nosso bom amigo sr, Alfredo Lopes, respeitável pai do considerado clínico desta Vila, sr, dr. Ernesto Marreca David.

—Deu-nos o prazer da sua visita o nosso dedicado assinante Sr Francisco Alves, importante comerciante em S. João do Estoril, que no lugar dos Pisões esteve de visita a sua Família acompanhado de seus manos.

A todos, muito obrigado.

Doentes:

D. Lucília Baeta Cortez — Tem sentido algumas melhoras esta senhora, dedicada esposa do nosso Amigo sr. Cortez, proprietário da Pensão Amélia desta vila.

D. Feliciana R. de Carvalho — Já se encontra em vias de restabelecimento esta senhora, mãe do nosso muito amigo Snr. Torcato Alves Rosinha.

Joaquim da Silva — Em Lisboa na enfermaria da G. N. R. das Janelas Verdes, encontra-se há dias êste nosso amigo, o qual segundo nos informam tem sentido algumas melhorss da dença que o acometeu.

João Vicente Antunes — Também tem sentido algumas melhoras êste nosso presado conterrâneo, que conforme noticiámos há já bastante tempo tem estado internado numa casa de saúde em Coimbra.

Vai indo também melhor dos seus padecimentos a esposa do nosso assinante Snr. Manuel Duarte, proprietário e fabricante de malhas no lugar das Sarzedas, e que conforme noticiámos se encontra na cidade de Coimbra internada numa casa de saúde.

Nova carreira de camionetes de passageiros

A notícia já não é nova, mas como não havia ainda sido confirmada, não deixa por isso de ter certo interessse para o nosso meio.

Assim, somos informados de que dentro de poucos dias será inaugurada a carreira de camionetes de passageiros entre esta vila e Figueira da Foz.

E' concessionário a Empresa de Auto-Viação, Lda., com sede em Pombal.

No próximo número daremos informação mais detalhada.